Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

A relação entre a parentalidade e a ansiedade social na adolescência

The relationship between parenting and social anxiety in adolescence

La relación entre la paternidad y la ansiedad social en la adolescencia

José Luiz Miguel Silva Grasa[1], Giovanna Ester Araujo de Carmo[1], Cesar Filipe da Silva Oliveira[1], Aline Angélica Pedrosa Campello[1].

RESUMO

Objetivo: Mapear a literatura científica sobre a parentalidade como fator no desenvolvimento e gênese da ansiedade social em adolescentes. **Métodos:** A revisão seguiu a metodologia do Joanna Briggs Institute (JBI) para revisões de escopo, adotando critérios de elegibilidade que incluíram estudos focados em parentalidade e ansiedade social em adolescentes. A extração de dados foi realizada em bases como PubMed, Medline, ScienceDirect, Index de Psicologia e LILACS. **Resultados:** Foram identificados 209 artigos, dos quais 13 foram selecionados para análise final. Os dados indicaram que a parentalidade pode atuar como fator de risco ou proteção no desenvolvimento da ansiedade social. Em especial, comportamentos hostis, negligentes ou de controle excessivo foram apontados como fatores que aumentam a predisposição e o risco para ansiedade social e sofrimento. Este estudo levantou fatores como temperamento, predisposição genética, histórico de saúde mental dos pais, percepções parentais sobre os filhos, diferenças de parentalidade conforme o gênero dos filhos, vivências adversas na infância, entre outros elementos. **Considerações finais:** O estudo destaca a diversidade sociocultural e a identificação de múltiplos fatores associados à parentalidade, ainda, como limitação, aponta-se a escassez de literatura, em especial nacional, sobre o tema.

Palavras-chave: Parentalidade, Ansiedade social, Adolescência.

ABSTRACT

Objetive: To map the scientific literature on parenting as a factor in the development and genesis of social anxiety in adolescents. **Methods:** The review followed the Joanna Briggs Institute (JBI) methodology for scoping reviews, adopting eligibility criteria that included studies focused on parenting and social anxiety in adolescents. Data extraction was conducted in databases such as PubMed, Medline, ScienceDirect, Psychology Index, and LILACS. **Results:** A total of 209 articles were identified, of which 13 were selected for final analysis. The data indicated that parenting can act as either a risk or protective factor in the development of social anxiety. Specifically, hostile, neglectful, or excessively controlling parenting behaviors were identified as factors that increase predisposition and risk for social anxiety and distress. This study highlighted factors such as temperament, genetic predisposition, parental mental health history, parents' perceptions of their children, parenting differences based on the child's gender, adverse childhood experiences, among other elements. **Final considerations:** The study emphasizes sociocultural diversity and the identification of multiple factors associated with parenting. As a limitation, it points to the scarcity of literature, especially national studies, on the topic.

Keywords: Parenting, Social anxiety, Adolescence.

RESUMEN

Objetivo: Mapear la literatura científica sobre la parentalidad como factor en el desarrollo y génesis de la ansiedad social en adolescentes. **Métodos:** La revisión siguió la metodología del Joanna Briggs Institute (JBI) para revisiones de alcance, adoptando criterios de elegibilidad que incluyeron estudios enfocados en

[1] Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife - PE.

SUBMETIDO EM: 12/2024 | ACEITO EM: 1/2025 | PUBLICADO EM: 4/2025

parentalidad y ansiedad social en adolescentes. La extracción de datos se realizó en bases como PubMed, Medline, ScienceDirect, Índice de Psicología y LILACS. **Resultados:** Identificaron 209 artículos, de los cuales 13 fueron seleccionados para el análisis final. Los datos indicaron que la parentalidad puede actuar como un factor de riesgo o de protección en el desarrollo de la ansiedad social. En especial, comportamientos hostiles, negligentes o de control excesivo fueron señalados como factores que aumentan la predisposición y el riesgo de ansiedad social y sufrimiento. Este estudio resaltó factores como temperamento, predisposición genética, antecedentes de salud mental de los padres, percepciones parentales sobre los hijos, diferencias en la parentalidad según el género de los hijos, experiencias adversas en la infancia, entre otros elementos. **Consideraciones finales:** El estudio destaca la diversidad sociocultural y la identificación de múltiples factores asociados con la parentalidad. Además, como limitación, se señala la escasez de literatura, especialmente nacional, sobre el tema.

Palabras Clave: Parentalidad, Ansiedad social, Adolescencia.

INTRODUÇÃO

Segundo, Souza K (2023), o Transtorno de Ansiedade Social (TAS), ou Fobia Social, é definido por um medo intenso e contínuo de situações sociais ou de desempenho, onde o indivíduo teme ser julgado ou se sentir envergonhado, como descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - (DSM-V-TR) da Associação Americana de Psiquiatria (2022). Sendo um dos transtornos de ansiedade mais comuns e de maior prevalência entre todos os transtornos mentais, o TAS apresenta sintomas físicos, como palpitações, rubor, tremores e sudorese, que podem ocorrer antes, durante e após a exposição a situações sociais. Para o diagnóstico, é necessário que esse medo prejudique significativamente a vida profissional ou pessoal do indivíduo, conforme descrito no (DSM-IV-TR), segundo (APA, 2022).

Alguns dos maiores medos dos afetados pelo transtorno incluem a exposição em situações que consideram vergonhosas, ser observados ou encarados pelos outros, a iniciativa de interagir com pessoas desconhecidas, o medo de dizer algo inadequado e as situações em que se tornam o centro das atenções, como em apresentações ou palestras. Ao falar de puberdade, comumente vista como o início da adolescência, é marcada por um período fisiológico em que a criança, devido à atividade das glândulas sexuais, momento em que desenvolve características sexuais secundárias e adquire a capacidade de reprodução. Exceto pelo período intrauterino, nenhuma outra fase do desenvolvimento humano apresenta um aumento de altura e mudanças corporais tão rápidas e intensas quanto essa fase. Medeiros P (2021), traz que tais alterações físicas ocorrem durante a transição da infância para a adolescência e geram impacto psicológico significativo, causando mudanças nas emoções, sensações, subjetividades e afetos, visto que as próprias alterações hormonais modificam as sensações corporais do adolescente e por consequência a forma como lidam com o mundo.

Esse novo “corpo” e mudanças emocionais, identitárias e até de subjetividade, acabam por tornar os adolescentes vulneráveis, o que dá viabilidade para as primeiras manifestações de sintomas de ansiedade, em especial social, fundamentais para o estabelecimento de transtornos psicológicos (MEDEIROS P, 2021; BAPTISTA JR, 2022).

É fato que a parentalidade é um elemento que atravessa o sujeito das mais diversas formas, são sua primeira relação com o mundo, seu núcleo primário de construção de subjetividade e de estruturação psíquica, o que a torna, fundamental, nos marcos do desenvolvimento e suas influências. Nesse viés, o indivíduo, conforme o passar do tempo, de algum modo irá se encontrar em uma posição parental, seja como "filho" e, possivelmente, como pai ou mãe. O que evidencia que as relações parentais, independentemente do modelo familiar, são um pilar na construção do sujeito, podendo funcionar como fator de proteção e/ou risco para sua saúde mental.

Tendo sua importância denotada, é importante definir o conceito de parentalidade, a mesma, refere-se às responsabilidades e atividades que um ou mais indivíduos assumem ao ocupar as posições de "pai e mãe". Em Souza K, et al. (2023) tal conceito é definido como práticas relacionadas às interações familiares e afetivas cotidianas, que objetivam promover tanto o desenvolvimento quanto a socialização dos filhos.

Já em Duarte I (2022), além de discutir as práticas de "parentalidade positiva" e "negativa", identificou três elementos que estariam presentes em diferentes níveis e funcionalidades em qualquer estilo parental: rejeição, superproteção e suporte emocional. Esses elementos desrespeitam a forma como o cuidador maneja o desenvolvimento do jovem, aplicando esses elementos em diferentes níveis e formas. Sobre essa ótica, alguns autores classificam tais fatores no chamado: Estilos parentais. Contudo, antes de abordar os modos de manifestação da parentalidade, é importante destacar que cada família tem uma forma única de se estruturar e se organizar, sendo que a “criação” do conceito de estilos parentais só permite, a nível de estudo, uma melhor esquematização, o qual facilita a compreensão de um conceito tão abrangente e fundamental na existência do ser humano.

Assim, Souza K, et al. (2023) e Monteiro A (2023) identificam três tipos de manejo parental: permissivo, autoritário e autorizante. O estilo autoritário envolve um comportamento mais restritivo, punitivo, com menores cuidados afetivos e pouca comunicação bilateral, entre pais e jovens. O estilo permissivo é o oposto, com pouco estabelecimento de limites e forte tolerância. Ele pode ser negligente, com pouca atenção e envolvimento na criação, ou indulgente, com alta afetividade e tolerância, porém sem limites claros. E, por último, o estilo autorizante, defendido como o mais “ideal”, com uma maior presença de uma parentalidade positiva em contraste com os outros. Nele, ocorre o incentivo à autonomia, à tomada de decisão e à comunicação bilateral (SOUZA K, et al., 2023; MONTEIRO A, 2023).

Diferente dos outros dois, esse estilo permite o desenvolvimento de uma criança com um perfil psicossocial mais adaptado e com menor risco de desenvolver qualquer tipo de dificuldade e sofrimento em questões emocionais e sociais, incluindo, a título de ênfase, o diagnóstico de transtorno de ansiedade social (DUARTE I, 2022; SOUZA K, et al., 2023; MONTEIRO A, 2023; LORENZO N, et al., 2021).

Gao D, et al. (2023) reforça o argumento, ao pontuar que o forte controle parental e o baixo suporte à autonomia são preditores importantes no desenvolvimento de ansiedade social. Em sua pesquisa é mostrado que o controle parental, definido como a manipulação dos pensamentos e emoções da criança, muitas vezes utilizando etiquetagem negativa, pode interferir no desenvolvimento de autonomia, independência e confiança social dos adolescentes. Isso pode favorecer o surgimento de sentimentos negativos sobre si mesmos, além de promover a fuga de oportunidades para explorar o ambiente e desenvolver estratégias, como evitação, resistência e estresse, para lidar com novas situações. Em contraste, um manejo parental que dá espaço para escolhas próprias e opinião livre, aliado ao suporte e estratégias de encorajamento, auxilia no melhor desenvolvimento psicossocial. Já uma parentalidade mais autônoma e de apoio não só promove um senso de autonomia, mas também atua como um fator de proteção contra a ansiedade social, sendo mais benéfica para a saúde emocional e o desempenho acadêmico e social do adolescente.

Logo, é imprescindível aprofundar os estudos sobre o conceito de parentalidade, as diferentes formas que ela pode assumir e as influências desse conceito sobre o indivíduo, com foco especial na adolescência, observando seu papel como fator de risco e/ou proteção no desenvolvimento do Transtorno de Ansiedade Social (TAS) ou sintomas e sofrimento associados. Ainda, cabe destacar que, para o desenvolvimento de ansiedade social em adolescentes, existem diversos fatores envolvidos, e a parentalidade é apenas um deles. Além do estilo parental, outras dimensões dentro da parentalidade devem ser consideradas e, em especial, é primordial estudar a influência desses fatores na dinâmica: Parentalidade-ansiedade social-adolescência (DUARTE I, 2022; SOUZA K, et al., 2023; GAO D, et al., 2023).

Por fim, enfatiza-se que o objetivo da pesquisa foi mapear a literatura científica sobre a parentalidade como fator no desenvolvimento e gênese da ansiedade social em adolescentes.

MÉTODOS

O presente trabalho foi elaborado em 2024, seguindo a metodologia de Revisão de Escopo proposta pelo Joanna Briggs Institute (JBI) Reviewers Manual (AROMATARIS E, et al., 2024), e a partir das perspectivas de Almeida J, et al. (2021) e Mattos S, et al. (2023). A metodologia de revisão de escopo tem como principal objetivo a busca de evidências científicas para responder a uma pergunta de pesquisa ou

realizar uma estratificação/mapeamento. O JBI visa fortalecer a compreensão do cuidado em saúde baseado em evidências, articulado na literatura. Esse método mostrou-se pertinente, fundamentado e de fácil aplicação, contribuindo para o avanço do conhecimento científico, especialmente no campo da psicologia.

A pesquisa utilizou o Método de Análise do Trabalho, dividido em 5 fases, conforme Almeida (2021): I) Identificação da questão de pesquisa; II) Identificação dos estudos relevantes; III) Seleção dos estudos; IV) Análise dos dados; V) Agrupamento, síntese e apresentação dos dados. Na etapa I, formulou-se uma pergunta focada em uma população específica (adolescentes de 10 a 19 anos) em contexto de diagnóstico e/ou risco para transtorno de ansiedade social, com enfoque na parentalidade. A etapa II envolveu a elaboração de estratégias de busca utilizando descritores e operadores, além da definição dos critérios de inclusão e exclusão. Foram usados os descritores: descritor (Parentalidade) AND (Adolescência) AND (Ansiedade Social OR Fobia Social),

Na etapa III, a partir dos descritores estabelecidos foi levado os mesmos para bases como LILACS, Medline, Index de Psicologia Periódica, PubMed e ScienceDirect. Os critérios incluíram textos dos últimos 5 anos, em português, inglês ou espanhol, com acesso completo e sem inclusão de livros, tendo sido identificadas 209 referências. Passou-se então para uma seleção primária baseada na leitura do título, resumo e considerações finais. Excluíram-se textos sem acesso ao conteúdo completo de forma gratuita, ou que não abordassem adequadamente a parentalidade ou ansiedade. Incluiu-se textos relacionados a outras fases de desenvolvimento ou outras formas de ansiedade, ou que abordem sobre a parentalidade ou aspectos relacionados.

Nesta fase, 28 artigos foram incluídos e 181 excluídos. Na fase final, ocorreu a leitura completa dos textos, através dela foram incluídos estudos que discutiam a relação da parentalidade com a ansiedade social ou outras formas de ansiedade, textos que relacionam a ansiedade social e adolescência ou outras fases de vida. Foram excluídos estudos que não se enquadram na metodologia de revisão de escopo, focados principalmente em outras fases de desenvolvimento sem correlacionar com a adolescentes, ou que priorizavam a saúde parental sem estar direcionado com os objetivos do presente trabalho. Ao final, 12 estudos foram incluídos, e 16 excluídos.

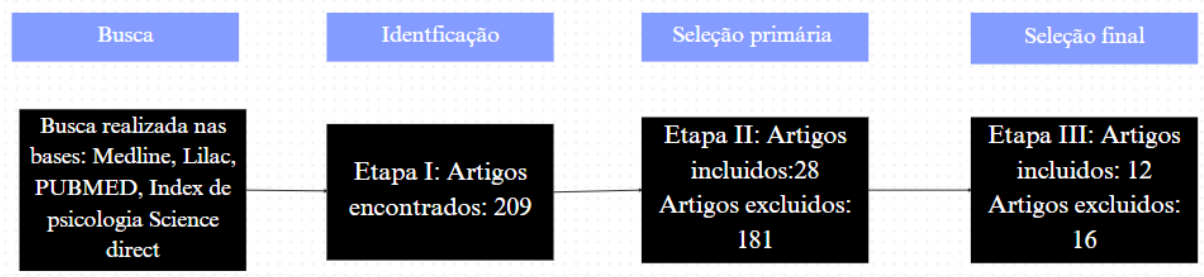
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao abordar a parentalidade como fator de gênese e desenvolvimento da ansiedade social em adolescentes, constatou-se uma quantidade limitada de literatura que atendesse aos critérios metodológicos deste estudo. Por essa razão, foi permitida a inclusão de temas pertinentes que agregassem valor científico e acadêmico ao trabalho. Nesse contexto, diversos estudos ressaltaram a influência da parentalidade e das práticas parentais como fatores determinantes na ansiedade social de adolescentes. Além disso, outros aspectos reforçaram a hipótese inicial da pesquisa.

Os estudos revisados foram conduzidos em diversos países, como China, Brasil, Estados Unidos, Japão, Colômbia, Itália e Austrália, o que trouxe uma diversidade sociocultural relevante. Foram explorados múltiplos elementos que, a partir de diferentes perspectivas e dimensões, demonstram como a parentalidade está relacionada ao desenvolvimento da ansiedade social em adolescentes, por exemplo, fatores temperamentais, epigenéticos, comportamentais, diferentes percepções, histórico da saúde mental e da infância dos cuidadores, tais dados, encontrados a partir da metodologia previamente explicadas serão organizados em duas construções gráficas abaixo.

O diagrama (**Figura 1**) foi construído, partir dos processos de busca, identificação e seleção da literatura e a tabela (**Tabela 1**) tem como base a estruturação da literatura final, sendo trazido autores e ano na primeira coluna, na segunda o título, na terceira metodologia e características gerais e na última os resultados e conclusão/considerações finais. Diagrama de filtragem (**Figura 1**), foi pontuado processos investigativos realizados durante a busca de dados e quantificação dos achados (GRASA JLMS, et al., 2025; GRASA J, et al., 2025).

Figura 1 - Esquema referente ao processo de seleção.



Fonte: Grasa JLMS, et al., 2025.

Quadro 1 - Artigos finais selecionados (12).

Autores/ano	Métodos/Características	Resultados e Considerações Finais
LORENZO, NE, et al. (2021)	Estudo longitudinal que acompanhou as crianças desde a primeira infância até a adolescência, realizando avaliações periódicas do temperamento infantil e das práticas parentais.	**Resultados**: O estudo identificou uma diminuição da ansiedade social entre 9-15 anos, influenciada pela inibição comportamental aos 36 meses. A criação parental negligente e de apoio também impactou essa trajetória. **Considerações finais**: Os resultados sugerem que envolver crianças altamente inibidas com apoio parental elevado e negligência baixa pode reduzir a ansiedade social na adolescência. Ressalta-se a necessidade de mais estudos sobre esse efeito interativo.
CURHAN AL, et al. (2020)	É um estudo longitudinal, com um público amostral de 151 crianças e adolescentes em situação de risco, bem como 151 pais e 151 professores, totalizando 453 participantes no estudo.	**Resultados**: O estudo identifica perfis distintos de sintomas internalizantes e externalizantes, mostrando que as discrepâncias nos relatos entre informantes podem estar ligadas a diferenças nos estilos parentais e ao engajamento escolar dos alunos. **Considerações finais**: O estudo revela que as discrepâncias nos relatos de sintomas entre pais, professores e jovens são influenciadas por estilos parentais. Práticas parentais consistentes e positivas tendem a aumentar a concordância entre os diferentes informantes.
CHUBAR V, et al. (2020)	Quantitativo com abordagem correlacional e longitudinal de natureza observacional. Usa dados genéticos dos participantes para investigar variantes associadas à ansiedade social.	**Resultados**: O estudo encontrou evidências de que as percepções dos pais interagem com predisposições genéticas para influenciar a ansiedade social, logo os efeitos genéticos na ansiedade social foram modulados por como os adolescentes percebem o estilo de paternidade que recebem. **Considerações finais**: O estudo destaca que a interação entre fatores genéticos e ambientais é crucial no desenvolvimento da ansiedade social em adolescentes. A percepção dos adolescentes sobre a criação parental, em termos de suporte e controle, influencia significativamente a expressão de predisposições genéticas para a ansiedade.
BASILI E, et al. (2021)	Estudo longitudinal e diádico. Os dados foram coletados em adolescentes e seus pais em três países. Foi usado questionários padronizados e outros instrumentos avaliativos.	**Resultados**: O controle psicológico materno foi associado ao aumento de comportamentos antissociais em adolescentes, enquanto o controle psicológico paterno esteve relacionado à redução de sintomas ansioso-depressivos. A pesquisa destaca a influência distinta de mães e pais sobre o ajuste emocional dos filhos na adolescência. **Considerações finais**: O estudo concluiu que o controle psicológico materno está associado a comportamentos antissociais em adolescentes, enquanto o controle psicológico paterno está relacionado à redução de

Autores/ano	Métodos/Características	Resultados e Considerações Finais
		sintomas de ansiedade e depressão. Esses achados indicam que o controle psicológico dos pais afeta de maneira diferenciada o ajustamento emocional dos jovens.
SUAREZ GL, et al. (2021)	Estudo longitudinal, os participantes foram 291 crianças (135 do sexo masculino) acompanhadas longitudinalmente dos 2 aos 13 anos. Foram usados questionários padronizados e observações sistemáticas.	**Resultados:** Crianças com temperamento inibido (BI) têm maior tendência à ansiedade social, especialmente quando usam estratégias ineficazes de regulação emocional (ER) em situações frustrantes. O apoio parental positivo na regulação emocional reduz a ansiedade social, enquanto a falta de engajamento dos pais agrava os sintomas. **Considerações finais**: A inibição comportamental (BI) está ligada ao desenvolvimento de ansiedade social, mas a regulação emocional (ER) e o comportamento parental moderam essa relação. Crianças com BI que recebem apoio parental positivo apresentam menos sintomas de ansiedade social, enquanto práticas parentais inadequadas podem intensificar esses sintomas.
WANG Y, et al. (2021)	O estudo é um estudo transversal, caracterizado com um corte de um momento específico do tempo. Os participantes eram crianças de 8 a 16 anos que tinham um dos pais com transtorno depressivo maior.	**Resultados**: Quatro estilos parentais foram identificados, sendo que o cuidado-autonomia reduziu o risco de depressão e ansiedade em crianças, enquanto a paternidade indiferente aumentou o risco de depressão. Crianças de pais com depressão ou estilos superprotetores-indiferentes apresentaram maior probabilidade de sintomas de ansiedade. **Considerações finais**: Crianças com pais deprimidos tinham percepções variadas dos estilos parentais, que, em geral, eram congruentes entre mãe e pai. O estilo de cuidado-autonomia reduz o risco de depressão infantil, enquanto a paternidade indiferente aumenta, sendo o estilo parental crucial no desenvolvimento emocional das crianças em lares com pais deprimidos.
LEUNG JTY (2021)	.É um estudo do tipo longitudinal com design cross-lagged, o qual permite investigar relações bidirecionais, ou seja, como uma variável afeta a outra em momentos diferentes. Foram usados questionários autoaplicáveis para adolescentes e pais e o uso de análise de mediação.	**Resultados**: O estudo mostrou que o conflito mãe-filho mediou a relação entre superproteção materna e ansiedade dos adolescentes, com a superproteção aumentando o conflito e, consequentemente, a ansiedade. A superproteção paterna também foi associada à ansiedade e depressão, moderada pelo conflito pai-filho. **Considerações finais**: O estudo conclui que a superproteção materna aumenta os conflitos familiares, o que eleva a ansiedade dos adolescentes, criando um ciclo bidirecional onde a ansiedade também intensifica a superproteção parental. Esse ciclo ressalta a importância de resolver conflitos familiares para melhorar a saúde mental dos adolescentes.
CHONG-WEN W, et al. (2022)	É um estudo longitudinal e correlacional que utiliza uma metodologia quantitativa. Foi usado como instrumentos Questionários para a parentalidade consciente, autoestima e ansiedade social.	**Resultados**: O estudo revelou que a parentalidade consciente está negativamente relacionada com a ansiedade social dos adolescentes, mediada pela autoestima. A parentalidade consciente melhora a autoestima, que, por sua vez, reduz os níveis de ansiedade social, destacando a importância de intervenções focadas nesse estilo parental para o bem-estar emocional dos adolescentes. **Considerações finais**: Foi concluído que a parentalidade consciente e autoestima tem um papel significativo na redução da ansiedade social entre adolescentes, mostrando a importância de trabalhá-las para melhorar a saúde mental e reduzir a ansiedade

Autores/ano	Métodos/Características	Resultados e Considerações Finais
		social nos adolescentes.
WATTANATCHARIYA A, et al. (2024)	É um estudo que envolveu a coleta de dados de 403 pais de alunos de 6 a 18 anos em Chiang Mai, Tailândia.	**Resultado:** em média, 62,5% dos pais relataram pelo menos um ACE. A análise de caminho revelou efeitos diretos significativos dos ACEs na piora da saúde mental em todas as subescalas. O estresse também teve um efeito direto positivo na disciplina inconsistente. Os ACEs foram diretamente associados ao uso de punição corporal. **Considerações finais:** ACEs são comuns em pais e estão associados a problemas de saúde mental, também afetando comportamentos parentais. É importante detectar e fornecer intervenções para pais com histórico de ACEs e saúde mental precária para melhorar a qualidade das práticas parentais. **AQUI**
LARRUCEA-IRURETAGOYENA M e ORUE I (2023)	O estudo utilizou o método quantitativo para investigar a relação entre a ansiedade parental, a parentalidade consciente e os impactos emocionais e comportamentais nos jovens	**Resultado**: a parentalidade consciente é primordial no alívio dos efeitos da ansiedade parental sobre os filhos, podendo reduzir em até 25% as dificuldades emocionais. Os pais que atingiram altos níveis de ansiedade tendem a exercer maior impacto negativo sobre a saúde mental de seus filhos, causando um aumento de comportamentos problemáticos e dificuldades emocionais. **Considerações finais:** A teoria da transmissão intergeracional de sintomas psicológicos apresenta uma lacuna em relação ao papel das práticas parentais nesse processo. O estudo sugere que a parentalidade consciente, especialmente materna, pode mediar essa transmissão, destacando a importância de considerar o contexto familiar no desenvolvimento de sintomas psicológicos em jovens.
ISELIN A R, et al. (2022).	É um estudo longitudinal que selecionou 567 mães, 428 pais e 566 crianças, de três diferentes países: Estados Unidos, Colômbia e Itália.	**Resultado:** O estudo revela que a disciplina severa materna está associada a altos níveis de ruminação em adolescentes, especialmente entre meninas, influenciando o desenvolvimento de ansiedade e depressão. O gênero afeta como os jovens internalizam e processam experiências negativas relacionadas à disciplina. **Considerações finais**: A disciplina materna severa aumenta o risco de ansiedade e depressão em adolescentes, mediada pela ruminação, com maior vulnerabilidade entre meninas. O estudo sugere intervenções focadas em estratégias de enfrentamento, especialmente em culturas onde a disciplina severa é comum.
WOODY ML, et al. (2022)	Um estudo longitudinal com 129 pais e filhas, entre 11 e 13 anos, que não possuíam transtorno de ansiedade social basal.	**Resultado:** Tanto os pais quanto as filhas que demonstraram afeto facial negativo com mais frequência no início do estudo tiveram parceiros com maiores sintomas de ansiedade social no acompanhamento, um efeito que foi mantido após levar em conta os sintomas iniciais dos atores e parceiros. **Considerações finais:** As descobertas são consistentes com modelos intergeracionais que postulam que comportamentos afetivos negativos dos pais aumentam o risco de sintomas de ansiedade social em adolescentes, mas também sugerem que o afeto facial negativo dos adolescentes pode exacerbar os sintomas de ansiedade social dos pais.

Fonte: Grasa JLMS, et al., 2025.

A partir da literatura selecionada, visando uma melhor estruturação e desenvolvimento das informações encontradas, o conteúdo foi dividido em três eixos temáticos com focos distintos, que trazem elementos que interferem de diferentes modos na relação entre parentalidade e ansiedade social.

Eixo I: Dinâmica Figura Parental-Jovem: Enfoca os principais aspectos da dinâmica entre figura parental e jovem no contexto da parentalidade e da ansiedade social. Eixo II: Fatores Parentais e/ou Elementos Externos: Refere-se a elementos do mundo interno dos pais, modo de ação dos pais ou a fatores ambientais. Eixo III: Elementos Vivenciados e/ou Internos do Jovem: Explora os aspectos da vivência e desenvolvimento do jovem, abordando como esses fatores constituem sua identidade e influenciam na relação da ansiedade social e parentalidade.

Eixo I: dinâmica figura parental-jovem

A partir desse eixo, diferentes aspectos da dinâmica entre pai e jovem foram apontados como significativos. Basili E, et al. (2021) analisaram a influência do controle psicológico parental no ajuste negativo dos adolescentes.

Observou-se que o controle psicológico materno está associado a comportamentos antissociais, enquanto o controle paterno pode reduzir sintomas de ansiedade e depressão, indicando uma diferença importante nos efeitos do controle parental conforme a figura de cuidado. Ainda, os autores destacam que práticas parentais que promovem a autonomia dos adolescentes podem mitigar comportamentos negativos e reduzir sintomas de ansiedade.

Leung JT-Y (2021) investigou a relação entre parentalidade excessiva e conflitos familiares. Seu estudo sugere que uma parentalidade excessiva pode aumentar o conflito entre pais e filhos, elevando os níveis de ansiedade nos adolescentes. Este excesso de controle, embora intencionado a proteger, pode ser contraproducente. Leung, ainda, propõe a existência de um ciclo de retroalimentação entre ansiedade e superproteção, no qual a ansiedade dos pais motiva uma parentalidade excessiva, que, por sua vez, reforça a ansiedade social nos adolescentes. Sendo destacado a importância de práticas parentais equilibradas para promover um ambiente familiar saudável.

Woody LM, et al. (2022) examinaram a relação entre expressões de afeto negativo – especialmente em conflitos entre pais e adolescentes – e a transmissão bidirecional de ansiedade social. A pesquisa mostrou que adolescentes que percebem altos níveis de afeto negativo dos pais durante conflitos têm maior probabilidade de desenvolver sintomas de ansiedade social. Além disso, observou-se que não apenas os adolescentes são influenciados pelas reações emocionais dos pais, mas que a ansiedade social dos adolescentes pode influenciar o comportamento dos pais, criando um ciclo de feedback negativo, semelhante ao descrito por Leung (2021).

Outro aspecto destacado no estudo de Woody ML, et al. (2022), foi a importância de intervenções que abordem tanto as expressões emocionais dos pais quanto os sentimentos dos adolescentes para interromper esse ciclo, reforçando a relevância da interação familiar na compreensão do desenvolvimento da ansiedade social. Larrucea-Iruretagoyena M e Orue I (2023) analisaram a relação entre ansiedade parental e dificuldades emocionais nos filhos, destacando que práticas de parentalidade consciente estão associadas à redução das dificuldades emocionais nos jovens.

Essa abordagem evidencia que uma interação atenta e presente pode mitigar os impactos negativos da ansiedade parental. Além do já trazido, Chong-Wen W, et al. (2022) também exploraram o efeito da parentalidade consciente, indicando que essa prática promove uma autoestima mais elevada nos adolescentes, o que, por sua vez, reduz a propensão à ansiedade social.

Eixo II: fatores parentais e/ou elementos externos

Neste eixo, são abordados aspectos genéticos, ambientais e perceptivos, bem como o histórico e a construção dos pais/cuidadores Bem como, a forma como a parentalidade influencia a inibição e a regulação comportamental, e seus impactos perante a ansiedade social nos jovens. Sendo destacado a importância desses elementos no diagnóstico e, especialmente, no sofrimento, que é multifacetado em sua

estruturação e manifestação. Chubar V, et al. (2020), em seu estudo, examinaram a interação entre fatores genéticos e ambientais na ansiedade dos adolescentes. O comportamento ansioso é visto como resultado de uma interação complexa entre esses fatores e o ambiente familiar. Os autores ressaltam que um estilo parental de apoio pode mitigar os efeitos genéticos predisponentes à ansiedade social.

Curhan AL, et al. (2020) abordam a ansiedade social, explorando as diferenças nas percepções de pais, professores e adolescentes em relação aos sintomas emocionais. Foram identificadas diferenças nas percepções entre grupos, indicando que crianças podem exibir comportamentos distintos em casa e na escola, o que influencia como a parentalidade e a ansiedade se manifestam e são percebidas.

O estilo parental foi exposto como um fator que influencia diretamente os sintomas observados, com variações dependendo do informante, sugerindo que o impacto das práticas parentais não é uniforme e depende do contexto em que a criança está inserida, ressaltando a complexidade dos elementos envolvidos. Em Suarez GL, et al. (2021), foi investigada a relação entre a inibição comportamental (IB), a regulação emocional (RE) e a ansiedade social. O estudo caracterizou a importância do suporte emocional dos pais para ajudar crianças com alta IB a desenvolver melhores estratégias de regulação emocional, reduzindo, assim, o risco de ansiedade social.

Quanto ao histórico de saúde mental dos pais, Wang Y, et al. (2021) examinaram como os estilos parentais de pais com depressão afetam a saúde mental dos filhos. Eles enfatizam que a percepção dos filhos sobre os estilos parentais varia, indicando que o impacto da depressão parental não é uniforme. Os autores afirmam que estilos parentais autoritários ou negligentes estão associados a um risco maior de depressão e ansiedade nas crianças, enquanto estilos responsivos aparentam mitigar esses sintomas.

Eixo III: elementos vivenciados e/ou internos do jovem

Para esse núcleo temático, foram destacados os elementos que influenciam o desenvolvimento do jovem, como experiências adversas, fatores internos e fatores fora de seu controle, incluindo aspectos temperamentais e questões de gênero. Lorenzo NE, et al. (2021) abordam a interdependência entre o temperamento infantil e as práticas parentais, sugerindo que esses fatores formam uma dinâmica complexa que molda o desenvolvimento da ansiedade social ao longo do tempo.

O texto ressalta práticas parentais controladoras, caracterizadas por um controle excessivo ou superproteção, aumentam o risco de desenvolvimento de ansiedade social nas crianças. Para além disso, os autores destacam a existência de um ciclo de retroalimentação, em que a resposta dos pais à ansiedade da criança (por meio de controle ou superproteção) exacerba seu comportamento ansioso, de maneira semelhante à como foi trazido Leung JT-Y (2021) e por Woody LM, et al. (2022).

Iselin AMR, et al. (2022) analisam como a disciplina materna severa afeta o desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão em crianças e adolescentes, ressaltando o papel da ruminação e das diferenças de gênero. O estudo sugere que a ruminação age como mediadora entre a disciplina severa e os sintomas emocionais e que abordagens parentais que levam em conta a normatividade e o contexto social podem prevenir efeitos adversos. Wattanatchariya K, et al. (2024) destacam como as experiências adversas na infância dos pais influenciam suas práticas parentais, observando que essas experiências geram insegurança, levando a abordagens parentais negativas que interferem na saúde mental dos filhos.

Por fim, a divisão dos eixos, feita a partir da escolha de um núcleo de sentido organizador, foi feita visando estruturar os principais elementos da literatura, com o objetivo de tornar o artigo mais didático. Vale, ainda, pontuar dois aspectos: a possibilidade de outros fatores, não abrangidos pela literatura filtrada nesta pesquisa, influenciarem o tema, bem como a complexidade da ansiedade social, especialmente, em um diagnóstico que envolve um indivíduo em uma fase de profundas mudanças e transformações pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, concluiu-se que as práticas parentais são um fator central na gênese e no desenvolvimento da ansiedade social em adolescentes, podendo atuar como um fator protetor, mitigando os

sintomas de ansiedade social, ou, em uma atitude desadaptativa, como um fator de risco, agravando a sintomatologia, mesmo quando a intenção é protetiva. A análise dos dados revelou uma escassez de literatura que relaciona diretamente a parentalidade com a ansiedade social em adolescentes. O que reforça a necessidade de mais estudos sobre essa temática. Aponta-se como lacunas, à quantidade limitada de base de dados e idiomas utilizados, os tipos de descritores, além de não aprofundar a discussão do tema por se tratar de uma revisão de escopo. Por fim, a revisão reuniu dados de diferentes culturas e públicos, contribuindo para a contínua construção de uma base científica e acadêmica que aborda a relação entre parentalidade e ansiedade social na adolescência.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao orientador César Filipe da Silva Oliveira, a coorientadora Aline Angélica Pedrosa Campello, ao professor Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa e à Faculdade Pernambucana de Saúde pelas oportunidades de crescimento, apoio, estímulo, orientação e aprendizagens ocorridas durante a confecção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA JMM, et al. Protocolo de Revisão de Escopo: um estudo de sistematização do conhecimento no contexto da Hanseníase. FRC: Front. Repr. Conh., 2021; 1(2): 159-170,
2. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Desk reference to the diagnostic criteria from DSM-5-TR (TM).2022. Acessado em: 15 de outubro de 2024.
3. JBI Manual for Evidence Synthesis. JBI, 2024. Acessado em: 10 de outubro de 2024.
4. BASILI E,et al. Maternal and paternal psychological control and adolescents' negative adjustment:A dyadic longitudinal study in three countries. PLoS ONE, 2021; 16(5): e0251437.
5. CHONG-WEN W, et al. Mediating effects of self-esteem on the relationship between mindful parenting and social anxiety level in Chinese adolescents. Medicine, 2022; 101(49): e32103.
6. CHUBAR V, et al. Gene–environment interaction: New insights into perceived parenting and social anxiety among adolescents. European Psychiatry, 2020; 63: 1.
7. CURHAN AL, et al. Informant discrepancies in internalizing and externalizing symptoms in an at-risk sample:The role of parenting and school engagement. J Youth Adolesc, 2020; 311–322.
8. DUARTE INTM. Parentalidade e comportamentos de risco na adolescência. Instituto Universitário (ISPA), 2022.
9. GAO D, et al. Early adolescent social anxiety: Differential associations for fathers' and mothers' psychologically controlling and autonomy-supportive parenting.Journal of Youth and Adolescence, 2023; 51(9): 1858–1871.
10. ISELIN AMR, et al. Pathways from maternal harsh discipline through rumination to anxiety and depression symptoms:Gender and normativeness of harsh discipline as moderators. Research on Child and Adolescent Psychopathology, 2022; 50(10): 1313–1326.
11. LARRUCEA-IRURETAGOYENA M e ORUE I. The mediating role of mindful parenting in the relationship between parental anxiety and youth's emotional and behavioral difficulties. Journal of Youth and Adolescence, 2023; 52(7): 1471–1480.
12. LEUNG JTY. Overparenting, parent-child conflict and anxiety among Chinese adolescents:A cross-lagged panel study. International Journal of Environmental Research and Public Health, 2021; 18(22): 11887.
13. LORENZO NE, et al. Bidirectional and interactive effects of child temperament and parenting in early childhood on the trajectory of social anxiety in adolescence. Depression and Anxiety, 2021.
14. MATTOS SM, et al. Scoping protocol review:PRISMA-ScR guide refinement. Rev Enferm UFPI, 2023; 12(1): 5.
15. MEDEIROS PCS, et al. Puberdade precoce e as consequências emocionais no desenvolvimento infantil. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2021; 13(4): e7127.

16. MONTEIRO ACB. Ansiedade financeira, estilos parentais e memórias de parentalidade: relação com o comportamento externalizante em filhos adolescentes. Universidade Católica Portuguesa, 2023.
17. RIBEIRO V e FERRAZ T. Parentalidade: estilos parentais e sofrimento socioemocional. Cadernos de Psicologia, 2023; 4(8): 5.
18. SOUZA KMR, et al. Relações entre parentalidade e o transtorno de ansiedade social: uma revisão sistemática. Revista Valore, 2023; 8: e-8036.
19. SUAREZ GL, et al. Examining a developmental pathway from early behavioral inhibition to emotion regulation and social anxiety: The moderating role of parenting. Developmental Psychology, 2021; 57(8): 1261–1273.
20. WANG Y, et al. The association of different parenting styles among depressed parents and their offspring's depression and anxiety: A cross-sectional study. BMC Psychiatry, 2021; 21(1): 1–10.
21. WOODY ML, et al. Displays of negative facial affect during parent-adolescent conflict and the bidirectional transmission of social anxiety. Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines, 2022; 63(8): 846–854.
22. WATTANATCHARIYA A, et al. The relationship between parental adverse childhood experiences and parenting behaviors. Acta Psychologica, 2024; 243: 104166.